

Avanços na negociação

A negociação da dívida externa, pelo menos no que se refere à questão do pagamento dos juros atrasados, vem registrando avanços nos últimos dias. Na semana passada, depois de o governo brasileiro ter oferecido o pagamento de uma parte dos juros atrasados mesmo sem conseguir delinear uma solução para a dívida principal, foi a vez de os bancos credores darem um passo na direção do entendimento.

Os credores reduziram o valor do pagamento inicial do total de US\$ 8 bilhões de juros vencidos e já aceitam conceder um prazo maior para o Brasil pagar o restante. Inicialmente, eles queriam o pagamento imediato de um terço do total (33,3%), depois baixaram a proposta para 30% e agora aceitam 28,75% dos juros vencidos, em seis parcelas. Quanto ao restante, queriam receber num prazo máximo de cinco anos, com seis meses de carência, e agora aceitam que o pagamento seja feito em nove anos, com carência de um ano.

Também do lado brasileiro houve concessões, a começar pela desvinculação da discussão dos juros vencidos ao prévio acerto da dívida de médio e longo prazos. Tendo aceito discutir os juros atrasados preliminarmente — como exigiam os credores —, o governo brasileiro propôs então o pagamento de apenas 15% e a quitação do restante em 15 anos. Agora, já aceita pagar 18,75% do total e liquidar o restante em 12 anos.

A redução da distância que separa os dois lados está sendo acompanhada, desde meados de fevereiro, pela lenta e persistente alta da cotação dos títulos da dívida brasileira negociados no mercado internacional. Esses títulos, que há menos de um mês estavam sendo negociados por apenas 22% do seu valor de face, hoje estão cotados em cerca de 28% (um título no valor de US\$ 100 mil, por exemplo, é vendido por US\$ 28 mil). A cotação sobe na medida em que cresce, no mercado, a convicção de que o governo brasileiro vai voltar a pagar sua dívida com regularidade.

A permanência do negociador oficial da dívida brasileira, embaixador Jório Dauster, em Nova York ajuda a reforçar essa convicção, pois é uma indicação de que as conversações progridem. Nos primeiros meses de negociação, Dauster retornava ao País após curta permanência em Nova York, pois não havia o que continuar discutindo. Agora, parece que há. Foi com essa sensação que o ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega regressou ao Brasil de uma viagem a Londres, onde grandes credores externos do País têm sede. Mailson considera que o acordo está próximo. No Ministério da Economia, embora nada se diga oficialmente, avalia-se que a negociação caminha rapidamente e pode conduzir a um acordo até a próxima sexta-feira.

O prazo é explicável. Ao longo desta semana, o governo brasileiro espera contar com a colaboração de um precioso aliado para pressionar os bancos na direção de um acordo. Trata-se da Interagency Country Exposure Revision Committee (Icerc), órgão controlador dos empréstimos bancários dos Estados Unidos ao exterior, que inicia, nesta segunda-feira, uma reunião de cinco dias na qual poderá determinar que os bancos norte-americanos contabilizem como prejuízo 20% de seus empréstimos ao Brasil. Se isso acontecer, os resultados dos bancos, especialmente os quatro maiores dos EUA, serão fortemente afetados. Um acordo para os juros vencidos pode evitar uma decisão desse tipo do Icerc.

O momento, como se vê, é favorável a esse acordo, que ainda é preliminar mas já consumiu praticamente cinco meses de conversas. Só depois do acerto a respeito dos juros vencidos começará a grande negociação, a da dívida de médio e longo prazos. Se quiser chegar mais depressa a um entendimento com os credores, o governo brasileiro terá de melhorar suas propostas muito mais rapidamente do que fez até agora.